



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FACED**

WALLACE BENEDITO SILVA MENDES

**O USO DE IMAGENS DA PESCA COMO EVIDÊNCIA DA CULTURA MATERIAL: O
TESTEMUNHO OCULAR DAS(OS) PESCADORAS(ES) NA VILA DO CASTELO, EM
BRAGANÇA, ESTADO DO PARÁ, BRASIL.**

**BRAGANÇA-PA
2026**

WALLACE BENEDITO SILVA MENDES

O uso de imagens da pesca como evidência da cultura material: o testemunho ocular das(os) pescadoras(es) da Vila do Castelo, Amazônia Bragantina.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação, do Campus Universitário de Bragança, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dr. Rogério Andrade Maciel.

BRAGANÇA-PA
2026

WALLACE BENEDITO SILVA MENDES

**O USO DE IMAGENS DA PESCA COMO EVIDÊNCIA DA CULTURA MATERIAL: O
TESTEMUNHO OCULAR DAS(OS) PESCADORAS(ES) DA VILA DO CASTELO,
AMAZÔNIA BRAGANTINA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de
Educação, do Campus Universitário de Bragança, da
Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção
do título de Licenciado em Pedagogia.

Data: 14/07/2026

Resultado: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Rogério Andrade Maciel– Orientador/UFPA

Assinatura _____

Prof. Dr. Ana Paula Vieira e Souza –(FACED/UFPA)

Assinatura _____

Prof. Me. Keyla Simonne Braga Araújo (SEMED/BRAG)

Assinatura _____

Dedico a todos os meus ancestrais negros que cada conquista que alcanço carrega em si a força daqueles que vieram antes de mim, e este momento é também fruto da história que construíram com suor, fé e esperança dos meus pais que sempre lutaram e me apoiaram na minha trajetória, Este trabalho é um tributo à memória, à dignidade e à perseverança que me trouxeram até este espaço de conhecimento e transformação.

AGRADECIMENTOS

Registro minha profunda gratidão aos meus pais, pelo apoio incondicional e pela base sólida que sustentou minha trajetória acadêmica. À minha avó, pela presença afetuosa e pela inspiração constante. Ao meu orientador, pelas orientações rigorosas, pela dedicação e pelo acompanhamento criterioso que foram fundamentais para a realização deste trabalho aos meus guias espirituais e a Deus, agradeço pela luz, pela força e pela direção que me permitiram seguir com confiança e perseverança, a todos que compartilham da pesca, agradeço pelos ensinamentos e pelo conhecimento transmitido, que ampliaram minha visão e enriqueceram minha experiência. Ao mar, expresso reconhecimento pela sua imensidão e sabedoria, que simbolizam tanto a vastidão do saber quanto a humildade necessária para buscá-lo, às minhas amigas Carla e Isabel, agradeço pela parceria, pela amizade e pela força que nos manteve firmes e unidos ao longo desta caminhada a cada um, deixo registrado meu sincero reconhecimento pela relevância de suas contribuições na construção deste percurso acadêmico.

"Um povo sem memória ancestral é um povo perdido no tempo e no espaço."
Daniel Munduruku.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso analisa como as imagens da pesca atuam como registros da cultura material a partir dos relatos de pescadoras e pescadores da Vila do Castelo, em Bragança, Pará. O estudo busca compreender a contribuição dos registros visuais na reconstrução das transformações históricas, espaciais e identitárias do trabalho pesqueiro local. De natureza qualitativa, a pesquisa fundamenta-se na Nova História Cultural, na História da Educação e no Currículo Intercultural na Educação de Jovens e Adultos. A metodologia incluiu levantamento bibliográfico, pesquisa documental, observações de campo, entrevistas semiestruturadas com oito colaboradores e registros fotográficos do porto local e da confecção de redes. A análise dos dados orientou-se pelas contribuições de Paulo Freire, Michel de Certeau, Roger Chartier e Peter Burke. Os resultados indicam que, embora a pesca comercial seja expressiva na região, os artefatos de trabalho transcendem a função econômica, apresentando significados simbólicos, afetivos e cosmológicos ligados ao território e à subsistência tradicional, como o pescador. Conclui-se que as imagens auxiliam na valorização dos saberes locais, fundamentando propostas para um currículo intercultural e emancipatório na Educação de Jovens e Adultos na Amazônia.

Palavras-chave: Cultura Material, Imagens da Pesca, Currículo Intercultural, EJA, Amazônia Bragantina.

ABSTRACT

This Undergraduate Thesis analyzes how images of fishing act as records of material culture based on the accounts of fishermen and fisherwomen from Vila do Castelo, in Bragança, Pará. The study seeks to understand the contribution of visual records in reconstructing the historical, spatial, and identity transformations of local fishing work. Of a qualitative nature, the research is grounded in New Cultural History, History of Education, and Intercultural Curriculum in Youth and Adult Education. The methodology included a literature review, documentary research, field observations, semi-structured interviews with eight collaborators, and photographic records of the local port and net making. Data analysis was guided by the theoretical contributions of Paulo Freire, Michel de Certeau, Roger Chartier, and Peter Burke. The results indicate that, although commercial fishing is significant in the region, work artifacts transcend their economic function, presenting symbolic, affective, and cosmological meanings tied to the territory and traditional subsistence, such as fishing itself. It concludes that images help value local knowledge, supporting proposals for an intercultural and emancipatory curriculum in Youth and Adult Education in the Amazon.

Keywords: Material Culture, Fishing Images, Intercultural Curriculum, YAE, Bragantine Amazon.

SUMÁRIO

1.TRAÇANDO A ROTA: INTRODUÇÃO	10
2. ANCORAGENS TEÓRICAS: CULTURA MATERIAL, TERRITÓRIO E SABERES TRADICIONAIS: .	12
3.NAVEGANDO NO CAMPO: CAMINHOS METODOLÓGICOS	16
3 VOZES DA MARÉ E MARCAS DA MEMÓRIA: RESULTADOS E DISCUSSÃO.	22
4 SÍNTESE E PERSPECTIVAS: CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
5 Referências:	45
7.Anexos.....	50

Lista de Ilustração

Figura 1 vila do castelo.....	16
Figura 2 – Fachada da Escola (EMEIF) Profª Maria Augusta Corrêa da Silva.	19
Figura 3- Pátio interno e corredor de acesso às salas de aula da EMEIF local.....	19
Figura 4 porto da comunidade	23
Figura 5 construção de uma rede de pesca e limpeza	24
Figura 6 Redes de pesca artesanal dispostas para secagem sobre o guarda-corpo público.	26
Figura 7 Imagem de um comerciante de peixe local	27
Figura 8 Imagem de Momento de descarrego de um baco de pescar	28
Figura 9 nossa senhora Perpetuo socorro.....	30
Figura 10 São Nonato	30
Figura 11 nossa senhora das Graças	31
Figura 12 festividade de São Pedro	31
Figura 13 moradoras na sede onde esta fucionado a igreja.....	32
Figura 14 Procissão fluvial de homenagem a São Pedro	34
Figura 15 barco de pescar	35
Figura 16 pescadora e estudante da Eja	37
Figura 17 momento de aprendizado.....	38
Figura 18 pescadores momento de reparos nas redes de pesca.....	40
Figura 19 casa de confecção de redes de pescar	41
Figura 20 casa de um morado local	42

1. TRAÇANDO A ROTA: INTRODUÇÃO

A Amazônia bragantina é composta por territórios marcados pela profunda relação entre o homem, a natureza e as águas. É nesse cenário que o presente Trabalho de Curso (TC) se insere, ao investigar o uso de imagens da pesca como evidências legítimas da cultura material, analisadas a partir do testemunho ocular e da memória viva de pescadores e pescadoras da Vila do Castelo, uma comunidade tradicional secular localizada no município de Bragança, estado do Pará, Brasil. Distante de uma perspectiva meramente contemplativa, o estudo debruça-se sobre as sensibilidades e as visualidades amazônicas, compreendendo a imagem não como um reflexo passivo da realidade, mas como um campo dinâmico de forças, disputas narrativas e produção de subjetividades cotidianas.

Minha inserção neste campo investigativo nasce da articulação entre o meu percurso formativo e o desejo de compreender a escola e o território como espaços indissociáveis. Ao longo da minha trajetória acadêmica na Universidade Federal do Pará (UFPA), a imersão nas vivências do trabalho de campo e o contato direto com a comunidade da Vila do Castelo instigaram-me a entrecruzar a análise visual, a memória oral e a prática pedagógica. Posiciono-me, assim, como uma pesquisadora implicada na valorização e na defesa dos saberes e modos de vida das populações das águas, buscando dar visibilidade às suas práticas e epistemologias.

Ao olhar para o cotidiano das populações ribeirinhas, cujas vidas são reguladas pelos ciclos das marés, do clima e dos rios, a pesquisa recusa o lugar das imagens e dos artefatos locais como meros apêndices ilustrativos, alegorias estéticas ou curiosidades folclóricas. Os registros visuais do porto, o desenho das embarcações, o processo artesanal de confecção e remendo de redes e as representações da religiosidade local assumem o status de fontes e arquivos visuais portadores de discursos, técnicas e saberes. Essa abordagem encontra sustentação teórica em Peter Burke (2017), ao postular que as imagens, como testemunhos oculares da história, operam como evidências indispensáveis da cultura material, capazes de registrar mentalidades e dinâmicas sociais frequentemente negligenciadas pelas fontes textuais tradicionais.

É fundamental destacar que esta pesquisa não se constrói de forma isolada, mas resulta de um adensamento coletivo e institucional. O presente trabalho vincula-se diretamente aos projetos de pesquisa fomentados pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Pará (PIBIC/UFPA), encontrando guarida metodológica e teórica nas atividades desenvolvidas pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em História da Educação e Currículo na Amazônia (NIPHECA) e pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Alfabetização de Jovens e Adultos (GUEAJA). É no cerne dessa rede colaborativa de investigação que este estudo se legitima, buscando devolver à comunidade da Vila do Castelo uma leitura crítica

e valorizada de sua própria visualidade e existência.

O fortalecimento das comunidades pesqueiras tradicionais apresenta-se como um tema de elevada relevância para os estudos contemporâneos em sustentabilidade, desenvolvimento social e conservação ambiental. Alinhado ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 14 (ODS 14) da Agenda 2030 da ONU, o trabalho dialoga com as premissas de conservação e uso sustentável dos oceanos, marés e recursos marinhos. Os pescadores artesanais detêm conhecimentos ecológicos locais acumulados por gerações, os quais orientam práticas seletivas, respeitosas aos ciclos naturais e de baixo impacto ambiental. Reconhecer e fortalecer esses saberes e práticas é fundamental não apenas para a preservação da biodiversidade aquática, mas também para garantir a segurança alimentar, a geração de renda e a permanência cultural dessas comunidades. Além disso, assegurar acesso justo e equitativo aos recursos naturais implica enfrentar desigualdades socioeconômicas e históricas que marginalizam as comunidades pesqueiras frente à pesca industrial.

Isto posto, a pesquisa lança mão da seguinte Questão Problema: Como as imagens da pesca atuam como evidências da cultura material no testemunho ocular dos pescadores(as) da Vila do Castelo, em Bragança, Estado do Pará, Brasil? As questões norteadoras são: *quais artefatos são utilizados no cotidiano pesqueiro e quais valores simbólicos lhes são atribuídos?* Como a comunidade equilibra as dinâmicas da pesca comercial/industrial com a manutenção de saberes e práticas tradicionais?

Considerando as questões problemas na investigação do fenômeno histórico-cultural, apresenta-se os objetivos desta pesquisa. O objetivo geral é o de analisar o uso de imagens da pesca como evidência da cultura material a partir do testemunho ocular das (os) pescadoras (es) da Vila do Castelo, em Bragança, Estado do Pará, Brasil. Os específicos são: a) compreender, os artefatos utilizados no cotidiano pesqueiro e os valores simbólicos atribuídos; b) Identificar a relação das dinâmicas da pesca comercial/industrial com a manutenção de saberes e práticas tradicionais na Vila do Castelo.

Para guiar o leitor na compreensão desta trajetória investigativa, o presente Trabalho de Conclusão de Curso está estruturado em quatro seções principais: Introdução: Compreende a contextualização do tema, a delimitação do problema de pesquisa, as justificativas institucionais e sociais, bem como os objetivos (geral e específicos) que delimitam o escopo do estudo. Metodologia: Detalha os procedimentos metodológicos e o desenho da pesquisa, fundamentados na abordagem qualitativa e na técnica de observação participante. Descreve as etapas do trabalho de campo na Vila do Castelo, os critérios de seleção dos interlocutores, as ferramentas de coleta e os aspectos éticos da pesquisa. Resultados e Discussão: Consiste no núcleo analítico do trabalho, subdividido em eixos temáticos que esquadriham a cultura material e visual local. Nesta seção, realiza-se a catalogação e a análise iconográfica de vinte

registros fotográficos, confrontando os artefatos da pesca, as técnicas de remendo de redes, as dinâmicas de desembarque no trapiche, a logística comercial e as marcas da religiosidade com as falas dos pescadores e o referencial teórico mobilizado. Considerações Finais: Retoma as principais descobertas do estudo, respondendo à questão-problema inicial, apontando os limites da pesquisa e sinalizando a urgência de currículos interculturais na EJA que valorizem as visualidades e os modos de vida das populações das águas na Amazônia bragantina.

2. ANCORAGENS TEÓRICAS: CULTURA MATERIAL, TERRITÓRIO E SABERES TRADICIONAIS:

O USO DE IMAGENS COMO EVIDÊNCIA DA CULTURA MATERIAL

A utilização de registros visuais como fontes documentais legítimas para a escrita da história consolidou-se como um dos principais avanços teórico-metodológicos no âmbito da Nova História Cultural. Historicamente relegadas ao papel subsidiário de meras ilustrações decorativas ou acessório estéticos, as imagens passaram a ser compreendidas como testemunhos fundamentais da ação humana e da organização social. Ao discutir o estatuto da imagem na investigação histórica, Peter Burke (2017) postula que os registros visuais funcionam como verdadeiras "testemunhas oculares" do passado, atuando como espelhos que não apenas refletem passivamente a realidade social, mas ativamente a moldam e a constituem. Conforme assevera o autor, as imagens nos permitem "colocar os olhos nas práticas do passado", funcionando como um importante canal para compreender os arranjos sociais e as mentalidades de uma determinada época (BURKE, 2017).

Sob essa ótica, a análise de imagens como as fotografias do porto da Vila do Castelo e das etapas de manufatura das redes de pesca permite acessar dimensões do cotidiano, das mentalidades e das sensibilidades locais que dificilmente emergem ou são capturadas de forma plena pelos registros puramente textuais ou discursos orais. Burke (2017) chama a atenção para o fato de que os testemunhos visuais dão acesso a aspectos da cultura material que são frequentemente considerados óbvios demais pelos contemporâneos para serem descritos por escrito. Assim, o registro fotográfico atua como um arquivo de práticas, de técnicas corporais e de arranjos materiais que documentam a "escala humana" da história e os modos de vida comunitários.

A articulação entre a cultura material e o uso de imagens torna-se ainda mais fecunda quando compreendida a partir das categorias de análise que conectam os artefatos concretos às suas dimensões simbólicas. Como argumenta Burke (2017), o historiador cultural que se debruça sobre as imagens deve realizar uma leitura que ultrapasse a superfície estética do artefato visual, pois "as imagens registram atos materiais de criação e uso" que revelam as estruturas sociais subjacentes. Trata-se de inventariar os objetos representados e os cenários

retratados para decifrar a "cultura material através de imagens", mapeando o nexo operatório das ferramentas de trabalho e a disposição espacial que regula as interações sociais de um determinado grupo tradicional.

Na faina pesqueira da Amazônia Bragantina, as imagens convertem-se em evidências materiais de uma sabedoria prática e ancestral. A fotografia das embarcações atracadas no porto artesanal ou o detalhe visual do tecer minucioso das malhas e dos nós das redes revelam o que Burke (2017) categoriza como o registro de discursos visuais não verbais. Longe de serem neutras, as imagens trazem consigo intencionalidades, pontos de vista e enquadramentos que traduzem a própria relação que o homem da beira do rio estabelece com seu território e com o sagrado. A cultura material documentada visualmente através das lentes do pesquisador serve, portanto, como uma trincheira epistemológica: ela atesta a autonomia produtiva e a sofisticação tecnológica vernacular das populações tradicionais frente à imposição homogeneizadora da modernidade mercantil.

Portanto, fundamentar o uso das imagens com o aporte teórico de Peter Burke (2017) confere a este Trabalho de Conclusão de Curso o rigor analítico necessário para elevar a fotografia do cotidiano pesqueiro ao status de documento histórico portador de múltiplos significados. As imagens e os artefatos nelas contidos deixam de ser elementos secundários e assumem a centralidade pedagógica e historiográfica, fornecendo as bases materiais e visuais fundamentais para a proposição de um currículo intercultural que acolha e emancipe os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) nas Amazônias.

Cultura Material na Pesca, seus significados e a construção das identidades e subjetividades

A inserção da cultura material como categoria de análise historiográfica e antropológica representou uma virada epistemológica fundamental, deslocando o foco das metanarrativas para a dimensão concreta e cotidiana das relações sociais (LIMA, 2020), nos quais os objetos antes analisados como receptáculos passivos ou meros reflexos utilitários da ação humana, possuem agência e participam ativamente da construção das identidades e subjetividades.

Conforme postula Ulpiano Bezerra de Meneses (1997), a cultura material atua como um espaço público de negociação da memória, onde os documentos pessoais e os artefatos do dia a dia adquirem relevância coletiva e performam a história viva de um grupo social. Sob essa ótica, o ecossistema de objetos que circunda as comunidades tradicionais não pode ser compreendido isoladamente de sua carga simbólica.

Jean Baudrillard (1993), em sua obra *O Sistema dos Objetos*, teoriza que os bens materiais transcendem a sua funcionalidade técnica para se estruturarem como um sistema marginal de signos, onde o valor de uso é constantemente ressignificado pelas estruturas psicológicas e sociais dos sujeitos. Na pesca e nas atividades tradicionais, essa premissa ganha contornos específicos: o

objeto não serve apenas para capturar o recurso, ele comunica quem é o sujeito que o maneja. Daniel Miller (2013) complementa essa perspectiva ao demonstrar que a imanência das coisas constitui a própria tessitura da vida social; as "coisas" importam porque são capazes de tornar tangíveis as relações abstratas de parentesco, poder e territorialidade.

Ao direcionarmos o olhar para a Amazônia Paraense, a cultura material assume o papel de repositório de saberes ancestrais, orais e de estratégias de resistência, Como bem ressaltam Maciel, Figueiredo e Silva (2024) artes de fazer e remendar redes”: cultura material da pesca e o currículo na educação de jovens e adultos na Amazônia bragantina, estado do Pará, brasil. os instrumentos laborais das populações ribeirinhas como a malha das redes, os anzóis, as canoas e os motores adaptados são repletos de "saberes da maré". Esses objetos carregam uma "alma", operando em uma dinâmica de ressonância e patrimônio cultural que define o lugar de vida dessas comunidades.

A materialidade da pesca, portanto, dialoga metodologicamente com outras cadeias sociotécnicas da região, como a cultura material da farinha (SALES; MACIEL, 2020) e a puçá das arrastadoras de camarão (MACIEL; FIGUEIREDO, 2024), demonstrando que na Amazônia Bragantina os artefatos são extensões da própria identidade sociocultural.

Os historiadores, antropológico e arqueólogos, ao utilizarem esses objetos como fontes, transformam-nos em "documentos portadores de significados" essenciais para a compreensão das assimetrias e resistências locais frente ao avanço da modernização mercantil (FUNARI, 1993, 2008).

Reflexões sobre Currículo Intercultural e Saberes Tradicionais

O debate acerca do currículo nas instituições de ensino ganhou densidade a partir das teorias críticas e pós-críticas, que denunciaram a escola como um aparelho ideológico reprodutor de saberes eurocêntricos e homogeneizadores (SILVA, 2017). Diante disso, a emergência do currículo intercultural apresenta-se como um projeto político-pedagógico de saber e do poder, voltado ao reconhecimento e à validação epistêmica das culturas marginalizadas (FLEURI, 2009). A construção de uma perspectiva curricular inclusiva e intercultural exige romper com a linearidade positivista, inserindo no centro da prática educativa as manifestações locais e as vozes dos sujeitos subalternizados.

Jurjo Torres Santomé (1998) adverte sobre o perigo dos "conteúdos culturais silenciados" no interior dos currículos integrados, em que as culturas camponesas são frequentemente folclorizadas ou simplesmente omitidas pelas instâncias hegemônicas.

Integrar a diversidade cultural no currículo não significa apenas adicionar tópicos exóticos no calendário escolar, mas estruturar as matrizes de conhecimento a partir da realidade concreta dos educandos. Na Amazônia, essa premissa exige um diálogo transfronteiriço rigoroso entre as ciências formais e os saberes tradicionais (SUZUKI; PALADIM JÚNIOR; CASTRO, 2024).

Os saberes tradicionais definidos por Antonio Carlos Diegues (2000) como o conjunto de

conhecimentos e práticas gerados e transmitidos oralmente de geração em geração sobre o manejo da biodiversidade e dos ecossistemas não são formas inferiores de ciência, mas sistemas cognitivos complexos e legítimos.

Conforme as investigações de Maciel, Magalhães e Nery (2024) a respeito da cultura material do bejú e da proposição curricular, a introdução das materialidades locais na escola atua como um catalisador de identidade e pertencimento desde a infância.

O currículo culturalmente referenciado passa a reconhecer o território, a beira do rio, o manguezal e o quintal extrativista como espaços legítimos de produção científica e pedagógica, assegurando a sustentabilidade material e imaterial da comunidade (BRANDÃO, 2007).

A Educação de Jovens e Adultos (EJA): Diálogo e Emancipação

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), historicamente marcada por uma abordagem compensatória e aligeirada, carece de uma refundação político-pedagógica que a sintonize com a dignidade e a historicidade de seus sujeitos (FREIRE, 1997).

Na Amazônia Paraense, os estudantes da EJA são, em sua esmagadora maioria, pescadores, extrativistas, mariscadoras e agricultores que trazem consigo uma bagagem cognitiva densa, forjada no mundo do trabalho e nas lutas cotidianas pela sobrevivência (MACIEL; NEVES; SILVA JUNIOR, 2020). Portanto, a prática pedagógica nessa modalidade não pode assentar-se na lógica da "educação bancária", mas sim na pedagogia da autonomia e da dialogicidade.

Paulo Freire (1997), em sua obra seminal *Pedagogia da Autonomia*, estabelece como imperativo ético e educativo o respeito escrupuloso aos saberes dos educandos, sobretudo aqueles associados às suas experiências comunitárias. Para Freire, não há docência sem discência, e o ponto de partida para qualquer processo de alfabetização ou letramento científico deve ser a leitura do mundo que antecede a leitura da palavra. Na EJA ribeirinha, a leitura de mundo dá-se através do conhecimento empírico do tempo, das marés, da carpintaria naval, do manejo do açaí e das artes de tecer redes (MACIEL; FIGUEIREDO; SILVA, 2024).

Articular a EJA à cultura material e ao currículo intercultural significa transformar a sala de aula em um território de tradução cultural. Como propõem Silva, Souza e Castro (2018), a materialidade escolar e os saberes em apresentação precisam dialogar com a materialidade do cotidiano dos sujeitos extrativistas.

Quando o saber de um pescador sobre a hidrodinâmica dos rios ou a botânica das várzeas é acolhido e problematizado no espaço escolar, a EJA cumpre a sua função socializadora e emancipatória. O sujeito deixa de ser visto sob a ótica da falta (o "não-alfabetizado") e passa a ser reconhecido como um intelectual de seu próprio território, capaz de cruzar a memória histórica com as demandas do desenvolvimento sustentável e do fortalecimento de sua comunidade tradicional (BURKE, 2005; SOUZA; SILVA, 2019).

3. NAVEGANDO NO CAMPO: CAMINHOS METODOLÓGICOS

O desenho metodológico de uma pesquisa científica constitui o cerne que legitima a produção do conhecimento, estabelecendo os caminhos operacionais e os aportes teóricos que guiam o pesquisador no trato com o seu objeto de estudo.

Para a investigação sobre a cultura material e as narrativas visuais e orais da pesca na Vila do Castelo, no município de Bragança-PA, estruturou-se um percurso interdisciplinar que cruza a história, a antropologia e a educação. O cenário de desenvolvimento desta investigação se passa na Vila do Castelo, uma comunidade tradicional localizada no município de Bragança, na região de integração do Nordeste Paraense. A escolha da Vila do Castelo como lócus e justifica-se pela sua densidade cultural e pela íntima relação que seus moradores mantêm com as marés, os rios e os estuários. Este espaço geográfico funciona como um território de memória e resistência, onde a cultura material expressa nos tipos de embarcações, nos apetrechos de pesca tradicionais (como redes) se entrelaça diretamente com as narrativas orais e visuais partilhadas

Figura 1 vila do castelo



Fonte: Acervo @ romuloalvesvmk, 2020.

Portanto, o lócus aqui considerado ultrapassa a dimensão puramente espacial: configura-se como um campo de diálogo interdisciplinar (entre a história local, a etnografia antropológica e os processos educativos comunitários), no qual o fazer pesqueiro é o ponto de partida para a

compreensão das identidades e saberes tradicionais.

Abordagem Qualitativa no Viés da Nova História Cultural (NHC)

A presente pesquisa alicerça-se na abordagem qualitativa de investigação. Conforme postulam Lüdke e André (1986), a pesquisa qualitativa em educação e ciências humanas pressupõe que o pesquisador é o principal instrumento de coleta e análise de dados, exigindo uma imersão direta no ambiente natural onde os fenômenos ocorrem e uma postura de sensibilidade ética e diálogo com os sujeitos investigados.

Essa abordagem qualitativa é operada através do viés teórico-metodológico da Nova História Cultural (NHC), articulando-se com a História da Educação e o campo do Currículo em perspectivas interdisciplinares. A escolha pela NHC justifica-se pela necessidade de compreender as imagens da pesca como evidências da cultura material a partir dos significados atribuídos pelos sujeitos da Vila do Castelo.

Para os historiadores filiados a essa corrente, o estudo da cultura material centra-se nos objetos do cotidiano, compreendendo que a vida material é tecida na relação dialética entre homens e coisas. Conforme aponta Fernand Braudel, estudar os elementos que compõem a existência no cotidiano como utensílios, instrumentos, habitações e vestuários constitui um excelente "indicador" para avaliar a realidade social de uma determinada época (BAUDREL, 1997, p. 19 apud FUNARI, 2008, p. 91). Assim, o olhar da NHC permite ler os artefatos pesqueiros da Vila do Castelo não apenas como ferramentas utilitárias, mas como suportes de discursos, valores simbólicos e memórias coletivas.

Tipos de Pesquisa e a coleta de dados da pesquisa

Para dar conta da complexidade do objeto de estudo e alcançar a triangulação necessária entre teoria, documentos e empiria, esta investigação caracteriza-se pela convergência de quatro tipos de pesquisa:

- **Pesquisa Bibliográfica:** Realizada por meio de um levantamento e revisão sistemática da literatura científica existente sobre cultura material, história cultural, história oral, currículo intercultural e as dinâmicas socioambientais das Amazôniaas pesqueiras. Essa etapa fundamenta-se em autores como Burke (2005; 2017), Chartier (1990; 1991), Certeau (2014), Funari (1993; 2008) e Barros (2020).

- **Pesquisa Documental:** Centra-se na busca, seleção e análise de fontes do projeto adverte Barros (2020), toda fonte documental possui um lugar social de produção e deve passar pelo crivo da crítica histórica.

- **Pesquisa de Campo e Participante:** Caracteriza-se pela inserção direta do pesquisador no cotidiano da Vila do Castelo, realizada por meio de visitas técnicas de observação

(totalizando quatro incursões empíricas entre 2025 e 2026). A pesquisa assume um caráter participante e dialógico, fundamentado na perspectiva freireana, compreendendo que o processo investigativo se constrói na relação horizontal com a comunidade, valorizando os saberes locais no mesmo patamar dos saberes científicos (FREIRE, 1997).

Foco Principal da Atividade	Técnicas e Instrumentos Utilizados
Reconhecimento Visual : Aproximação inicial com o território da Vila do Castelo para compreender o cenário físico e a rotina local.	Observação livre, registros fotográficos (leitura visual da realidade)
Aproximação e Escuta dos Pescadores: Estabelecimento de vínculo com os trabalhadores da pesca para compreender suas vivências e saberes cotidianos.	Observação participante, conversas informais e escuta ativa na comunidade.
Observação da Prática Pesqueira: Acompanhamento da rotina de trabalho dos pescadores para entender a relação deles com a natureza e com o território.	Observação direta e participante das atividades da pesca.
Diálogo com Educadores do EducaPescar: Articulação entre os saberes da comunidade e a prática pedagógica da EJA voltada para a pesca.	Conversas dialogadas e entrevistas abertas com os professores da EJA.

Inicialmente, o campo dedicou-se ao reconhecimento visual e espacial do território por meio de registros fotográficos e observações livres, pela observação direta de suas práticas cotidianas de trabalho, garantindo a imersão na realidade material desses sujeitos. Por fim, as incursões promoveram a articulação entre o saber popular e a práxis pedagógica, materializada em diálogos com os professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA) inseridos no programa EducaPescar.

e as incursões de campo descritas desempenham um papel fundamental de mediação pedagógica, política e social nas comunidades tradicionais. Com base na fundamentação do trabalho, destaca-se a sua importância articulação entre o saber popular e a práxis pedagógica o EducaPescar atua como uma ponte entre a sabedoria ancestral dos pescadores (o saber empírico sobre as marés, confecção de redes, botânica e navegação) e o conhecimento escolar da Educação de Jovens e Adultos (EJA). No que tange aos equipamentos públicos e à infraestrutura educacional voltada para o atendimento dos moradores e, sobretudo, para a fixação dos jovens na localidade, destaca-se a presença da unidade escolar municipal. A estrutura física da escola apresenta um ambiente conservado e acolhedor, fundamental para mitigar o êxodo rural e assegurar a reprodução social do modo de vida tradicional.

Figura 2 – Fachada da Escola (EMEIF) Profª Maria Augusta Corrêa da Silva.



Fonte: Dados da pesquisa (2026).

Figura 3- Pátio interno e corredor de acesso às salas de aula da EMEIF local



Fonte: Dados da pesquisa (2026).

Na Figura 2, observa-se a fachada de alvenaria da escola pintada em tons de verdes claros e escuras, na Figura 3, o olhar é conduzido para a área interna: um corredor com piso de cimento, bem iluminado e decorado de forma lúdica, com murais coloridos e cartazes de boas-vindas ornados com motivos marítimos. A escola em comunidades tradicionais atua como um

ancoradouro social. Sob a ótica da sociologia rural e territorial, a garantia de uma infraestrutura escolar adequada e humanizada é o principal fator de fixação do homem na sua terra, combatendo diretamente o êxodo juvenil e garantindo a reprodução social do modo de vida pesqueiro. Essa dinâmica corrobora a tese de Diegues (2004), que enfatiza que a sobrevivência das culturas marítimas tradicionais está intrinsecamente ligada à capacidade do território de oferecer condições dignas de reprodução social e qualidade de vida, impedindo a perda cultural e a desestruturação de suas instituições básicas de convívio.

Procedimentos Metodológicos e Instrumentos de Coleta de Dados

Os procedimentos de coleta foram desenhados para captar tanto a dimensão material (os objetos) quanto a dimensão imaterial (as memórias e discursos) da comunidade pesqueira. Foram utilizados três instrumentos principais: Participantes :Colaboradores locais (pescadores e moradores). Instrumento de Coleta: 8 entrevistas semiestruturadas transcritas.

Acervo Visual Analisado: 20 registros fotográficos catalogados (porto, redes, santos etc.).

A História Oral e Entrevistas Semiestruturadas

A oralidade foi adotada como técnica central por meio da realização de entrevistas semiestruturadas com pescadores e pescadoras artesanais e industriais da Vila do Castelo. Utilizou-se um roteiro previamente elaborado com perguntas abertas que versavam sobre os tipos de pesca, os objetos utilizados, a circulação econômica do pescado, o sentimento de pertença e o papel da fé na comunidade. A metodologia da História Oral, conforme Freitas (2006) e Meihy e Holanda (2023), permite acessar experiências vividas, memórias e subjetividades que comumente estão ausentes dos registros oficiais escritos, garantindo a fidelidade ao discurso dos colaboradores.

Com base nas visitas de campo e nas cinco entrevistas semiestruturadas realizadas entre 2025 e 2026 da pesquisa na Comunidade do Castelo, situada no município de Bragança – Pará, revela-se uma forte articulação entre memória, práticas produtivas e identidade cultural. A comunidade, marcada por sua organização social e pela vivência coletiva, apresenta um cotidiano em que a pesca e atividades extrativistas se entrelaçam com tradições de geração.

Eixos de Compreensão da Realidade Pesqueira:

Assim, a pesquisa, realizada entre 2025 e 2026, por meio de entrevistas semiestruturadas e observação participante, buscou compreender aspectos como:

- **A)** Os tipos de pesca existentes na comunidade (artesanal, industrial);
- **B)** Os objetos utilizados nessas práticas;
- **C)** Os valores atribuídos a esses objetos;
- **D)** Os custos e circulação dos pescados; e
- **E)** O significado de ser pescador para os moradores.
- **F)** O uso das redes

- **G) O uso das imagens dos santos**

As respostas coletadas revelam que a pesca industrial é predominante, os instrumentos carregam valor simbólico e afetivo além de sua função prática, e ser pescador é entendido como identidade e pertencimento. Esses resultados preliminares reforçam que a Comunidade do Castelo constitui um espaço vivo de memória, cultura e resistência, onde teoria e prática se entrelaçam na construção de sentidos coletivos.

Registro Fotográfico e Imagens como Artefatos Culturais

Como procedimento central ligado ao título do projeto, utilizou-se a captura e análise de fotografias no campo (como os registros do porto da comunidade e do processo de confecção manual de redes, a imagens peregrinas da igreja, aulas da Eja, pescadores). As imagens não são tratadas aqui como meras ilustrações ou reflexos passivos da realidade, mas sim como artefatos culturais carregados de intencionalidades que participam ativamente da construção das identidades individuais e coletivas. Sob a ótica de Peter Burke, as imagens funcionam como "testemunhas oculares" da história, espelhos que refletem e moldam a realidade social e permitem captar dimensões da vida comunitária que nem sempre emergem nos relatos orais (BURKE, 2004, p. 18; 2017).

Aspectos Éticos e de Regulamentação (TCLE e CAEE)

Em estrito cumprimento às normativas que regem a pesquisa científica envolvendo seres humanos, a inserção em campo foi precedida pela elaboração e aplicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Todos os cinco entrevistados e participantes assinaram o termo após receberem explicações detalhadas sobre os objetivos da pesquisa, garantindo-lhes o anonimato, o sigilo das informações e o direito de desistência a qualquer momento, salvaguardando a integridade ética da investigação. O projeto encontra-se em fase de submissão e tramitação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa para a obtenção do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAEE).

Técnicas de Análise de Dados: Práticas Culturais, Representações e o currículo intercultural

A fase de tratamento e interpretação dos dados empíricos coletados (imagens, transcrições e diários de campo) orienta-se pela técnica de triangulação, confrontando sistematicamente as falas dos sujeitos, os registros visuais e a fundamentação teórica adotada. Para dar inteligibilidade às práticas cotidianas e simbólicas da Vila do Castelo, a análise ancora-se em duas categorias teóricas principais:

As Maneiras de Fazer no Cotidiano (Michel de Certeau): Utilizada para analisar como os pescadores e moradores operam suas táticas e estratégias no dia a dia comunitário. Essa categoria é aplicada no tratamento dos dados sobre o uso dos objetos regionais e nas atividades tradicionais de subsistência, como as técnicas de coleta do açaí nas áreas de várzea e a catação sazonal do caranguejo nos manguezais locais. Trata-se de desvelar a astúcia e a criatividade

contidas nos modos de fazer dos sujeitos frente às transformações contemporâneas.

As Representações Culturais (Roger Chartier): Mobilizada para compreender a forma como a realidade social da comunidade é pensada, construída e dada a ler pelos seus próprios membros. Essa categoria guia a interpretação sobre o significado simbólico e afetivo atribuído aos instrumentos de pesca (mesmo aqueles de caráter industrial), o sentimento de orgulho e pertencimento identitário em ser pescador, e o papel estruturante da fé e das festas religiosas na organização do tempo e do espaço da vida comunitária.

Dessa forma, a construção do currículo intercultural se consolida na conversão desses saberes cotidianos e simbólicos. Ao articular as táticas de subsistência e as representações identidade da Vila do Castelo, a matriz curricular deixa de ser uma imposição externa e passa a ser um reflexo do território. O saber da pesca e das práticas sustentáveis, portanto, materializa essa proposta ao transformar a prática comunitária o manejo da pesca e as temporalidades da fé em um dispositivo de diálogo intercultural, legitimando o conhecimento tradicional como patrimônio formativo indispensável."

A partir do cruzamento dessas técnicas, os dados deixam de ser meras descrições empíricas e passam a ser compreendidos como discursos históricos dotados de sentido, fornecendo a base científica necessária para a posterior formulação do manual da pesca e das práticas sustentáveis planejado nesta pesquisa.

3 VOZES DA MARÉ E MARCAS DA MEMÓRIA: RESULTADOS E DISCUSSÃO.

A Cultura Material e as Testemunhas Oculares do da Vila do Castelo: As(os) pescadores:

A análise e a interpretação dos dados empíricos coletados no campo da Vila do Castelo configuram-se como tramas que ligam a cultura material, a memória e a identidade na Amazônia Bragantina. As narrativas coletadas evidenciam processos de transmissão intergeracional de saberes, confirmando o que Chartier (1990) denomina de práticas socialmente construídas e partilhadas.

A memória, conforme apontam Meihy e Holanda (2023), manifesta-se como reconstrução do passado a partir das experiências vividas no presente, o que se evidenciou nas falas dos moradores ao relatarem histórias sobre o trabalho, a vida comunitária, os rituais locais e a fé. Abaixo apresenta-se a imagem como evidência do porto que se configura como um espaço da cultura material, O trapiche de concreto funciona como o principal nó logístico e de interface terra-mar da comunidade, concentrando o fluxo de embarcações motorizadas de pequeno e médio porte que compõem a frota artesanal. O processo de descarregamento exige rapidez e esforço físico braçal intenso por parte dos trabalhadores para transportar os exemplares de grande porte da embarcação até a área de pesagem, onde a produção é selecionada e acondicionada em caixas plásticas com gelo para o escoamento imediato em

caminhões baú refrigerados, evidenciando a dependência da cadeia do frio e a forte atuação de intermediários comerciais no porto.

Figura 4 porto da comunidade



Fonte: Dados da pesquisa (2026).

A fotografia do porto configura-se como uma valiosa fonte de cultura material, funcionando como um testemunho visual que permite decifrar a própria história e a dinâmica social desse espaço. Longe de ser apenas uma infra-estrutura estática, o porto revela-se em constante movimento: ele é fluxo de mercadorias e pessoas, é uma fronteira viva entre a terra e o mar, e, fundamentalmente, consolida-se como um ponto de encontro comunitário. É nesse cenário que a atividade pesqueira ganha vida, onde os trabalhadores se reúnem para avaliar o sucesso da jornada, examinar a variedade do peixe capturado e definir o seu destino comercial ou de subsistência. Assim, analisar essa imagem é mapear as práticas cotidianas, as técnicas de trabalho e a real finalidade do porto, compreendendo-o como um nó essencial de conexões econômicas, afetivas e culturais.

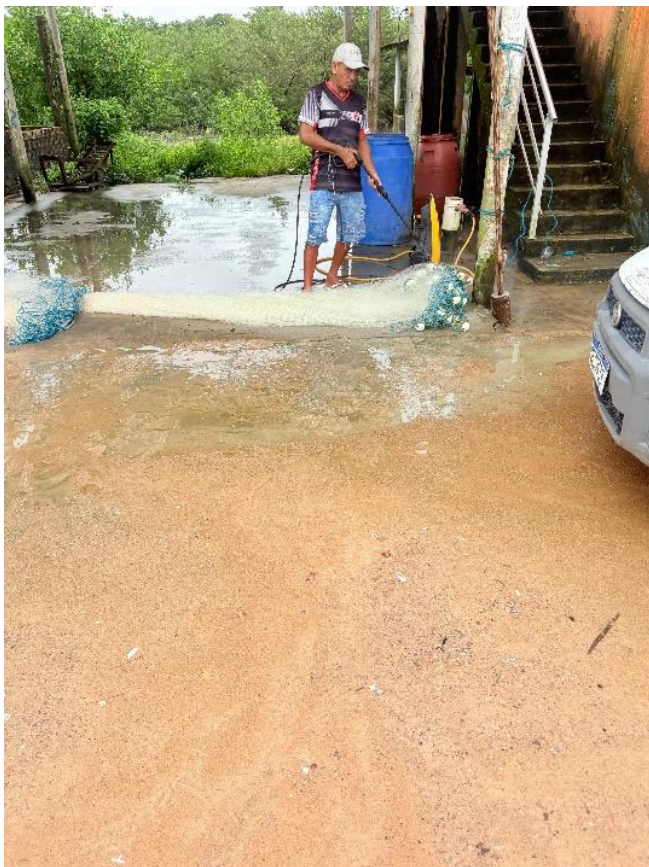
No campo da cultura material, os artefatos observados instrumentos de pesca, utensílios domésticos, ferramentas agrícolas e objetos do cotidiano configuram-se como expressões significativas da identidade local. Funari (1993) ressalta que os objetos são testemunhos materiais das relações sociais e devem ser compreendidos como fontes históricas legítimas.

Nesse sentido, os registros fotográficos realizados reforçam a perspectiva de Burke (2017), ao reconhecer que as imagens permitem captar dimensões da vida social que nem sempre emergem nas entrevistas. A análise preliminar indica que a Comunidade do Castelo não apenas preserva práticas tradicionais, mas também ressignifica seus modos de vida diante das transformações contemporâneas, mantendo a coesão social e o espírito comunitário como pilares de sua existência

O uso da imagem como evidência nas redes de pesca:

A rede de pesca é um dos petrechos mais antigos, eficientes e universais da história da humanidade, representando um marco na evolução das comunidades humanas. Mais do que um simples emaranhado de fios, a rede é um instrumento de engenharia hidráulica e têxtil projetado para interagir perfeitamente com o comportamento dos recursos pesqueiros e as correntes aquáticas nas comunidades pesqueiras artesanais, a rede transcende a função econômica. A confecção da rede, o conhecimento dos nós ("fazer a malha") e o reparo dos danos sofridos no mar são saberes tradicionais a escolha do tipo de rede reflete o profundo entendimento que o pescador possui sobre os ciclos das marés, os ventos e os hábitos reprodutivos das espécies locais.

Figura 5 construção de uma rede de pesca e limpeza



Fonte: Dados da pesquisa (2026).

O uso da imagem do porto como evidência da cultura material da rede O porto artesanal funciona como o nexos espacial onde a rede de pesca deixa de ser apenas um instrumento extrativista e passa a ser um objeto social. Sob a ótica da cultura material, a presença, o manejo e a conservação das redes de emalhar (malhadeiras) nos trapiches servem como evidência empírica da "cadeia operatória" da pesca (confecção, limpeza e reparo). A paisagem portuária documenta visualmente a autonomia produtiva, a subsistência econômica da unidade familiar e a dependência direta da comunidade em relação ao ecossistema estuarino. À luz da História Cultural, compreende-se que as práticas sociais são construídas e significadas historicamente; como afirma Chartier (1990, p. 17), trata-se de entender “o modo como [...] uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Assim, a pesca é uma experiência partilhada, transmitida entre gerações e incorporada à memória coletiva.

A manufatura e o reparo dos petrechos de pesca constituem etapas vitais que antecedem as jornadas em mar aberto, evidenciando um domínio técnico transmitido intergeracionalmente. O galpão comunitário atua como um espaço central de sociabilidade e trabalho coletivo dos pescadores artesanais para o remendo e manutenção das malhas, que posteriormente são dispostas ao longo da orla para secagem e organização técnica, aproveitando as condições.

Figura 6 Redes de pesca artesanal dispostas para secagem sobre o guarda-corpo público.



A Pesca Industrial

A consolidação da pesca industrial de pequeno e grande porte na Comunidade do Castelo reconfigura não apenas as dinâmicas econômicas locais, mas também as próprias estruturas identitárias e as relações de trabalho na Amazônia Bragantina. Sob a perspectiva da História Cultural, a introdução de tecnologias avançadas e a inserção em mercados de grande escala não anulam as heranças tradicionais dos sujeitos; pelo contrário, geram processos de hibridismo e ressignificação cultural. Os artefatos e os novos ritmos laborais passam a ser interpretados a partir da ótica nativa, cruzando a lógica do capital com a sabedoria da beira do mar de rio a imagem a seguir retrata o trabalho de um vendedor ambulante de peixe em sua carroça de mão, uma cena emblemática e corriqueira nas rotinas de cidades pequenas e vilas pesqueiras. Mais do que uma simples estratégia de sobrevivência e busca pelo pão de cada dia, essa prática carrega uma forte dimensão de tradição e cultura material. O ir e vir do peixeiro pelas ruas do bairro mantém vivo o elo entre a produção artesanal da pesca e as mesas das famílias, transformando a carroça em um artefato móvel de trabalho, sociabilidade e identidade do território.

Figura 7 Imagem de um comerciante de peixe local



Fonte: Acervo do Projeto, 2026.

"O barco de ferro e os motores adaptados ajudam a chegar mais rápido onde o peixe grande está, e a rede industrial cerca muito mais lance de uma vez só. Mas o trabalho na indústria exige um esforço que consome o corpo da gente. É uma

lida pesada, de dias sem dormir direito, vigiando a máquina e o tempo. A pescaria mudou, virou comércio forte, mas quem está ali em cima ainda é o homem do rio, com o mesmo respeito pela maré." (pescador industrial "A", 2026).

Esta narrativa amarra-se diretamente aos dados obtidos no quadro empírico, no qual os colaboradores evidenciam que os instrumentos tecnológicos modernos como "motores adaptados e redes industriais" são os aparatos predominantes no cotidiano. O relato do pescado corrobora a análise de que, embora a atividade tenha se voltado fortemente para a "comercialização" e siga os ritmos econômicos "da cidade", os sujeitos resistem à desumanização do trabalho mecânico. A tecnologia, interpretada à luz de Roger Chartier (1990), é incorporada como uma nova "prática socialmente construída e partilhada", onde o conhecimento técnico moderno é assimilado sem que se perca o "respeito pela maré", elemento central dos saberes tradicionais herdados.

Figura 8 Imagem de Momento de descarrego de um baco de pescar



Fonte: Acervo do Projeto, 2026.

"Para o patrão da cidade, o pescado é só o lucro do investimento que ele fez no gelo e no barco. Para nós, que passamos semanas no alto-mar enfrentando o banheiro, cada lance de rede de grande escala carrega o nosso suor. Ser pescador na indústria é um trabalho de muita resistência. A gente luta contra o cansaço e

contra o preço do peixe que varia na época, mas o orgulho de trazer o sustento para a família e ver que a comunidade vive dessa força é o que faz a gente continuar." (Relato de mestre de rede "B", 2026).

A imagem regista o momento da pesagem e do desembarque do pescado no porto, onde caixas plásticas repletas de peixes (como a pescada-amarela) são dispostas sobre uma balança sob a vigilância atenta dos trabalhadores do local. Esse cenário de transição entre a chegada do mar e a comercialização materializa visualmente as dinâmicas de trabalho, negociação e valorização do fruto da pesca artesanal e industrial.

O testemunho acima válido e aprofunda as categorias conceituais expressas nas questões da pesquisa de campo, nas quais os pescadores definem seu ofício como sinônimo de "trabalho e resistência", "identidade e sustento familiar" e "orgulho pelo que eu sou". A divisão apontada pelo colaborador entre o "patrão da cidade" (focado no lucro) e o "homem do mar" (focado na identidade e na sobrevivência) ilustra com precisão o que Peter Burke (2005) categoriza como o choque de mentalidades e valores. A pesca industrial, mesmo operando sob a lógica do mercado capitalista exógeno, é convertida pelos moradores da Vila do Castelo em um espaço de afirmação identitária. Os objetos e as embarcações deixam de ser meras ferramentas de produção e passam a ser tratados como "documentos portadores de significados" (FUNARI, 2008), símbolos de uma coletividade que encontra na resiliência e no trabalho compartilhado os pilares para manter sua coesão social ativa.

O uso da imagem como evidencia histórica na Fé e a relação com a Pesca Industrial: O Sagrado, o Mito e os Saberes das Águas

A fé, por sua vez, estrutura o cotidiano e orienta valores e celebrações, constituindo uma forma de representação social. Conforme Chartier (1991, p. 184), as representações do mundo social são produzidas pelos próprios grupos, o que evidencia a religiosidade como elemento organizador da vida comunitária.

As imagens, por fim, funcionam como "testemunhas oculares" (BURKE, 2017, p. 18), ampliando de forma significativa a compreensão das práticas e representações locais. Desse modo, a comunidade revela-se um espaço vivo de memória e cultura, onde as práticas produtivas e as esferas simbólicas se entrelaçam na construção autêntica de uma identidade coletiva, abaixo apresenta-se a imagem como evidência dos santos predominante na comunidade: na Fé e a relação com a Pesca, o diferencial dessa comunidade que vemos que são 4 santos que são: figura 9 nossa senhora Perpetuo socorro/ figura 10 São Nonato/ figura 11 nossa senhora das Graças. A imagem de São Pedro não consegui a foto do santo e nem a de nossa senhora de Nazaré que foi encontrada na praia do picanço mas teve conflitos e por isso ela e guardada e não consegui acesso e ao decorrer do texto vai aparecer relatos, a segui

Figura 9 nossa senhora Perpetuo socorro



Fonte: Acervo do Projeto, 2026.

Figura 10 São Nonato



Fonte: Acervo do Projeto, 2026.

Figura 11 nossa senhora das Graças



Fonte: Acervo de uma moradora, 2026.

À luz da abordagem historiográfica da Nova História Cultural, as festas religiosas operam como importantes instâncias de representação social (CHARTIER, 1991), nas quais a comunidade encena sua própria visão de mundo, estreita seus laços de parentesco e solidariedade, e demarca seu território frente aos agentes externos. Na Vila do Castelo, os rituais de fé funcionam como a argamassa cultural que unifica o grupo social, estruturando um calendário festivo onde o sagrado protege o homem frente aos perigos do mar. O panteão de devoção local é encabeçado por São Pedro, o padroeiro da comunidade São Raimundo Nonato, mas ganha contornos de profunda união coletiva nas festas e, especialmente, nas homenagens ao protetor dos navegantes: abaixo apresenta e a imagem como evidência a festividade de São Pedro e relato de pescado;

Figura 12 festividade de São Pedro



Fonte: Acervo @vila_do_castelo_10, 2025.

"Ser pescador no Castelo é ter orgulho de carregar o mastro na festividade. Naquele dia da procissão, o dono do barco grande e o pescador de canoinha pequena andam descalços no mesmo chão. A santa não escolhe quem é industrializado, ela abençoa a comunidade inteira. A nossa maior força está em festejar nossos protetores. São Raimundo Nonato olha por nós na terra, mas quando chega a festa de São Pedro, a vila para por três dias inteiros. São três dias de comemoração, com o porto cheio, os barcos enfeitados no rio, rezando e cantando para o santo dos pescadores garantir a nossa fartura e o nosso retorno." (Relato de pescador artesanal "C", 2026).

A fala reflete com precisão as respostas coletadas sobre o significado de ser pescador, definido como "orgulho pelo que eu sou" e "identidade", cruzando-se com a "participação em festas religiosas". Através do conceito de representação social de Roger Chartier (1991), percebe-se que a festividade seja o dia do padroeiro ou os três dias dedicados a São Pedro atua como um espaço ritual de suspensão das desigualdades econômicas internas. No momento sagrado, a divisão entre o capital (o dono do barco grande) e o trabalho (o pescador da canoinha) é dissolvida no "mesmo chão", restabelecendo a igualdade identitária e a fraternidade que definem o pertencimento à Vila do Castelo.

Contudo, a expressão mais contundente da autonomia cultural e da resistência da comunidade manifesta-se na devoção à Nossa Senhora de Nazaré local. A narrativa oral preservada na vila sobre o surgimento da imagem desvela um histórico embate entre a religiosidade popular

vernacular e a rigidez da Igreja institucional sediada na cidade de Bragança, expondo como os moradores apropriam-se do sagrado à revelia das autoridades eclesiásticas:

Figura 13 moradoras na sede onde está funcionado a igreja



Fonte: Acervo do Projeto, 2026.

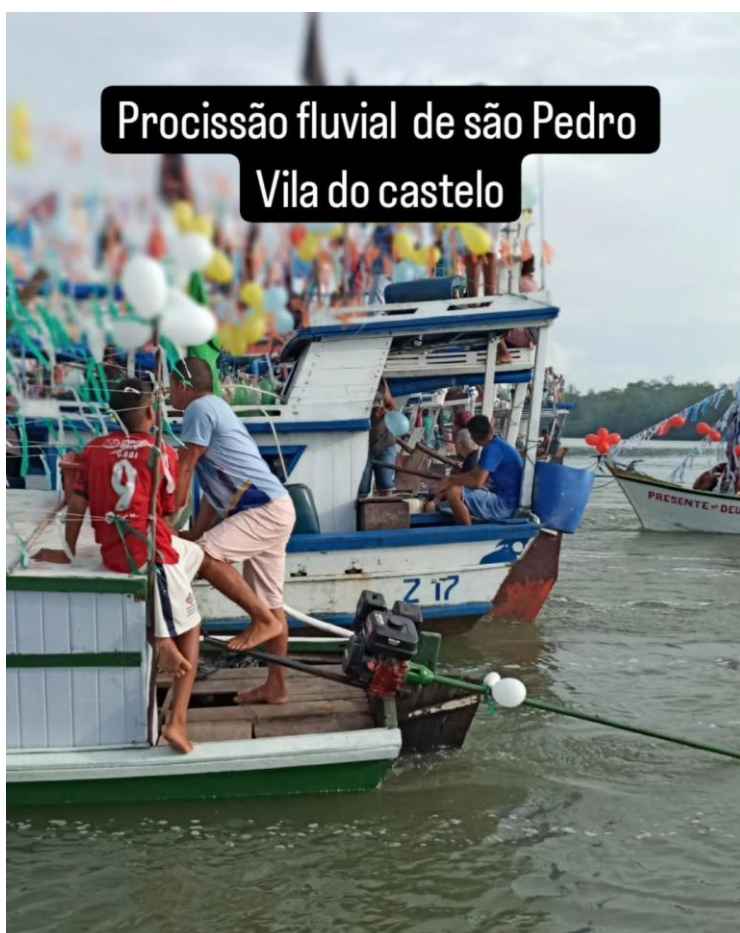
A fotografia acima captura um momento íntimo de fé e recolhimento no interior de um templo comunitário simples, onde duas mulheres aparecem sentadas em bancos de madeira voltadas para o altar. Ao fundo, observam-se elementos centrais do espaço sagrado, como cortinas claras, o cirial e a imagem de um santo devocional, retratando a permanência e a simplicidade das práticas religiosas cotidianas mantidas pelos próprios moradores.

"A nossa santinha de Nazaré tem uma história que o povo da cidade não quis aceitar. Ela foi encontrada pelos nossos antigos jogada lá na Praia do Pingaço. Quando trouxeram ela para o Castelo, a imagem começou a fazer milagres cabulosos, curando os doentes e salvando barco perdido no banzeiro. Mas os padres da igreja de Bragança não aceitaram a nossa devoção. Vieram dizer que a gente não podia adorar ela desse jeito, que não era uma imagem oficial da paróquia. Queriam proibir a nossa fé. Mas a comunidade bateu o pé. Se ela apareceu na nossa praia e fez milagre para o pescador, ela é nossa. A igreja da cidade não manda no milagre que acontece na beira do rio." (Relato moradora da comunidade "D", 2026).

Essa poderosa narrativa evidencia o que Michel de Certeau (2014) conceitua como as táticas de apropriação. Diante da "estratégia" institucional da Igreja de Bragança, que buscava

normatizar, fiscalizar e proibir o culto à imagem achada na Praia do Pingaço, os moradores do Castelo operaram uma tática de resistência e desobediência devocional. O milagre, para a comunidade, legitima a santidade independentemente do aval clerical. Na ótica da História Cultural, como assevera Peter Burke (2005) ao analisar a cultura popular, as classes subalternas não recebem as imposições das elites de forma passiva; elas as redefinem e as digerem a partir de suas próprias necessidades de amparo e sentido. A permanência da imagem na vila é uma vitória da memória oral e da identidade bragantina sobre a burocracia urbana, transformando o porto em um altar de resistência: a fotografia a seguir retrata a Procissão Fluvial de São Pedro na Vila do Castelo, momento em que as embarcações de pesca ganham cores, fitas e balões para ornamentar o festejo sobre as águas. O registro capta os moradores e pescadores ocupando os barcos ornamentados, unindo a devoção ao padroeiro dos pescadores com a celebração comunitária. Essa manifestação expressa a fusão entre a religiosidade popular, a cultura material marítima e o forte sentimento de identidade e pertencimento que marca o cotidiano do território.

Figura 14 Procissão fluvial de homenagem a São Pedro



Fonte: Acervo @vila_do_castelo_10, 2025.

"A nossa festa é o espelho do nosso povo. A gente decora o porto, limpa as embarcações e reza junto para os nossos santos. É o momento em que a comunidade mostra sua força e diz pro povo de fora que a nossa cultura da beira do rio continua viva e não vai se apagar a festa de São

Pedro são quem dão a nossa garantia de uma boa pescaria." (Relato moradora da comunidade "D", 2026).

Esta narrativa corrobora o dado de que as "celebrações coletivas fortalecem a união" e consolidam a "fé como identidade cultural e espiritual". Se utilizarmos a imagem fotográfica do porto da comunidade (Figura 1) como "testemunha ocular" (BURKE, 2017) desse espaço decorado para os festejos, compreende-se que a festa é a materialização visual da resistência cultural ribeirinha. Rezar junto, defender a imagem da Praia do Pingaço contra as proibições da cidade e ornamentar os barcos para os três dias de São Pedro constituem uma declaração política direcionada ao "povo de fora". Afirmar-se que, apesar das pressões externas e das tentativas de enquadramento institucional, a Comunidade do Castelo permanece como um território dinâmico, autônomo e soberano de produção de seus próprios saberes, afetos, milagres e identidades coletivas.

As evidências dos pescadores sobre os saberes da pesca, das águas e seus mistérios

Para além das coordenadas econômicas da atividade industrial e das amarras rituais da religiosidade institucionalizada, a vida na Comunidade do Castelo é governada por uma epistemologia um modo de produzir conhecimento muito particular. Trata-se de um saber corpóreo, moldado pelo compasso das marés e transmitido na intimidade do cotidiano familiar, que não se traduz em manuais técnicos ou equações de mercado.

Na Nova História Cultural, compreender as mentalidades de um grupo exige lançar luz sobre essas formas sutis de ler o mundo e de nele interagir (BURKE, 2005). No contexto bragantino, os saberes tradicionais erguem-se como uma contra racionalidade diante do pragmatismo tecnológico contemporâneo: enquanto a modernidade urbana vive na busca incessante por controle, previsibilidade e garantias institucionais, o homem da beira do mar desenvolve uma sofisticação existencial pautada na convivência com o imponderável.

A imersão na realidade empírica de campo revelou que essa relação com o sensível transforma o próprio ato de pescar em uma profunda filosofia prática, onde o cotidiano da faina se confunde com uma lição de resiliência humana. Nas palavras sensíveis e densas de um dos colaboradores da pesquisa, desvela-se essa pedagogia que desafia os pilares do racionalismo ocidental e aqui os pescadores me trouxeram um conhecimento muito interessante, porque o pescador, ele se relaciona com o mistério o conhecimento dele não vem de livros, não vem de inteligência artificial, vem da observação da vida, da natureza, o aprendizado com os pais, com os avós. E isso dá pra eles uma coisa que muitas das vezes a gente tenta buscar, porque o pescador, o sustento dele vem do mar e como ele relata:

Figura 15 barco de pescar



Fonte: Acervo do Projeto, 2026.

eu vivo no balanço do mar, tem uma incerteza que eu saio para buscar o peixe, se o peixe vem aí eu não sei (entrevistado pescador 2026)

"Meu avô já dizia que o mar não tem estrada marcada. A gente aprende olhando o jeito que o vento entorta a copa das árvores no porto, o cheiro que a água traz quando a chuva vem de longe. Isso nenhuma máquina ensina. A gente sai sabendo que o mar é quem manda; se ele se fechar, a gente espera. O livro ensina a mexer no motor, mas quem ensina a ter paciência com o banzeiro é a vida que a gente herda dos antigos." (Relato inédito de pescador artesanal "C", 2026).

A partir desse depoimento, percebe-se que as ferramentas e os saberes transmitidos deixam de ser apenas utilitários e passam a ser tratados como testemunhos materiais e simbólicos das relações sociais (FUNARI, 1993). A leitura dos sinais da natureza é um documento vivo da cultura local. É por isso que, diante da imensidão do estuário, o ato de pescar ganha um sentido que ultrapassa a mera captura mercantil, transmutando-se em uma colheita de imprevistos e possibilidades:

Figura 16 pescadora e estudante da Eja



Acervo pessoal do projeto 2026

Se a gente fosse esperar ter certeza de que ia voltar com o barco cheio, ninguém nunca desatava o nó da corda no porto. A gente vai com a coragem e com o que aprendeu. Um dia a maré ajuda, no outro ela castiga. Mas o segredo é não parar de lançar a rede. Se o peixe escasseia hoje, amanhã a gente tenta em outro canal. Essa força de continuar, mesmo no escuro do mar, é o que faz a nossa gente do Castelo ser o que é. A gente não se entrega para o tempo ruim." (Relato inédito de moradora e pescadora da comunidade "E", 2026).

À luz da abordagem de Roger Chartier (1991) sobre as representações sociais, compreende-se que os mitos e as lendas são produzidos pelos próprios grupos para organizar e dar sentido à sua realidade. Ao afirmar que a lenda serve para "lembrar que existe um mistério", o pescador demonstra que o imaginário da Vila do Castelo atua como um freio ético e ecológico contra a ganância predatória. Como já sugeria Burke (2005) ao estudar as mentalidades, essas narrativas orais defendem os valores profundos de uma coletividade. Aceitar o mistério e aprender a se relacionar com a incerteza é, portanto, a maior lição de maturidade social e política que a Comunidade do Castelo oferece: uma identidade que resiste preservando o mar, honrando os ancestrais e aceitando que a vida, assim como a maré, não se deixa aprisionar.

A geração de hoje não quer saber desses saberes antigos, está se perdendo toda a cultura dos nossos fazeres. Eles gostam de comer a farinha, mas hoje em dia nenhum desses novos sabe plantar uma maniva de mandioca. Futuramente não vai mais ter essas farinhas gostosas que a gente faz, porque agora com esses fornos

elétricos tudo mudou, o povo quer pressa e não quer aprender o jeito certo da terra." (Relato inédito de morador da comunidade "E", 2026).

A análise desse depoimento à luz de Roger Chartier (1991) revela como as representações sobre as mudanças tecnológicas no caso, a substituição das casas de farinha tradicionais pelos fornos elétricos é percebida como ameaças à integridade da identidade local. A farinha deixa de ser apenas um alimento econômico e passa a ser tratada, na esteira de Funari (1993), como um artefato e testemunho material das relações sociais. Quando o jovem consome o produto, mas rejeita o saber associado ao plantio e ao preparo artesanal, rompe-se o ciclo da memória coletiva que Meihy e Holanda (2023) apontam como fundamental para a coesão do grupo. Essa crítica ao distanciamento dos jovens em relação à dureza do trabalho tradicional ganha contornos ainda mais severos na fala de outro idoso da vila:

"Os jovens de hoje são fracos, não dão conta do trabalho duro de verdade. Agora para eles é tudo mais fácil, tem tecnologia para tudo, tem motor forte, tem facilidade. Eu queria ver um jovem desses pegar a minha época, quando a gente remava no braço dias e noites, enfrentando o tempo sem ter onde se esconder. Eles não aguentam a lida que a gente aguentou para levantar esse lugar." (Relato inédito de pescador aposentado "F", 2026).

Sob a perspectiva de Peter Burke (2005) a respeito da história das mentalidades, esses desabafos expõem o choque cultural entre duas temporalidades distintas coexistindo no mesmo espaço. Para os antigos, o sofrimento físico e o domínio da técnica manual eram os elementos rituais que forjavam o "ser pescador" ou o "ser da terra". A facilidade trazida pela tecnologia contemporânea é lida pela Velha Guarda da Vila do Castelo como um fator de enfraquecimento da resiliência comunitária, diagnóstico que se estende também à perda da sensibilidade e da leitura dos ciclos naturais: A imagem ilustra uma atividade pedagógica do projeto Educar Pescar, na qual os alunos expressam sua cartografia social e vivência comunitária por meio do desenho e da representação visual da Vila do Castelo. A construção coletiva do mapa territorial destacando o rio, as moradias e a disposição geográfica local evidencia o papel da Educação de Jovens e Adultos (EJA) como um espaço de valorização do saber de experiência feito, fortalecendo a identidade, o

sentimento de pertencimento e a leitura crítica do próprio território.

Figura 17 momento de aprendizado



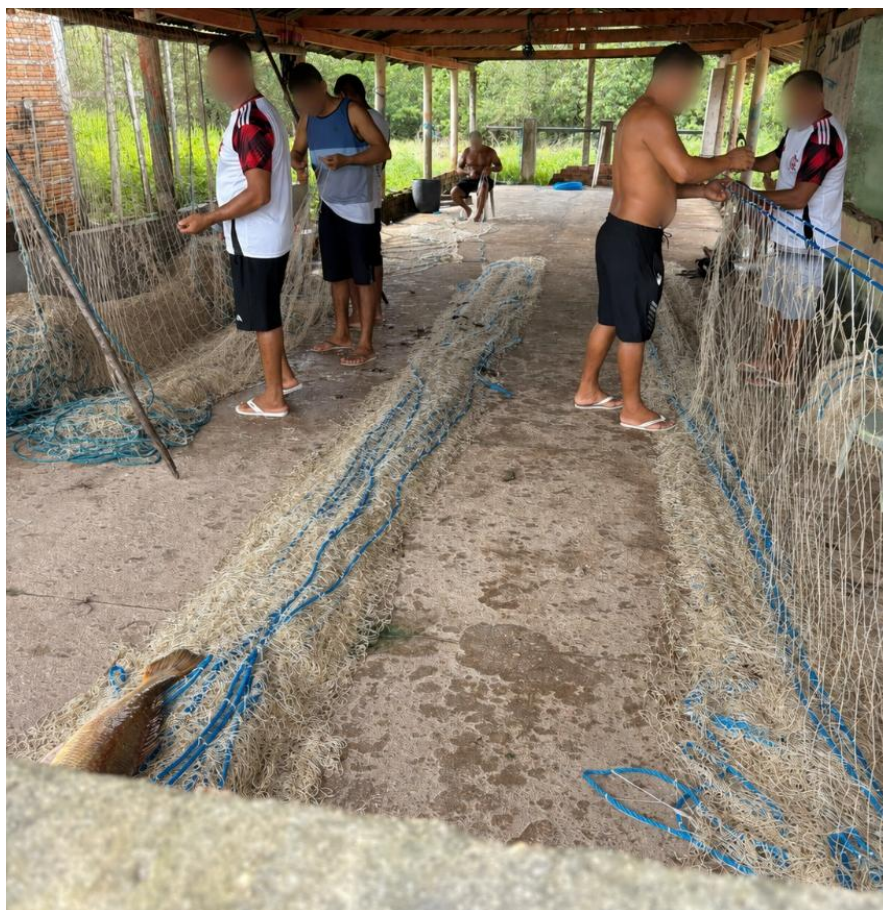
Acervo da coordenadora do educar pescar, 2026

"O jovem de hoje põe o olho no celular para ver se vai chover, mas não sabe olhar para o céu e ler o desenho das nuvens. Meu pai me ensinou que o rio fala com a gente, ele avisa quando o peixe está subindo e quando a maré vai virar de banzeiro brabo. Essa moçada nova entra no barco confiando só na máquina e no GPS; se a tecnologia falha, eles ficam perdidos no meio do canal porque não têm o mapa guardado na memória. Estão deixando morrer o saber mais bonito que os antigos deixaram." (Relato inédito de mestre de embarcação tradicional "G", 2026).

Essa desconexão com os sinais do ambiente resalta uma transição abrupta nas "maneiras de

fazer" descritas por Michel de Certeau (2014). Onde antes operava a astúcia do corpo treinado para decifrar as nuvens e as correntes (as táticas do cotidiano), hoje busca-se a estratégia do aparato técnico exógeno (o GPS, o celular). O perigo apontado pelo mestre de embarcação reside no esvaziamento da autonomia cultural do sujeito bragantino, que passa a depender de ferramentas industriais para mediar sua relação com o território. O desaparecimento dessas práticas manuais e minuciosas afeta também a manufatura dos instrumentos de trabalho, que historicamente carregavam o afeto e o respeito ecológico do pescador: imagem registra o fazer artesanal e o trabalho coletivo dos pescadores na confecção, reparo e organização das redes de pesca sob um galpão coberto. O registro evidencia a transmissão de saberes práticos e a cooperação entre diferentes gerações, onde a cultura material representada pelas malhas, cordagens e pelo peixe recém-capturado em primeiro plano ganha vida no cotidiano da comunidade, reafirmando a identidade, o trabalho braçal e a centralidade da atividade pesqueira na Vila do Castelo.

Figura 18 pescadores momento de reparos nas redes de pesca



Acervo pessoal do projeto 2026

Figura 19 casa de confecção de redes de pescar



"Antigamente, a gente passava dias trançando a malha da rede com a própria mão, conversando e escolhendo o tamanho certo para não pegar o peixe miúdo. Era um fazer que exigia paciência e respeito. Hoje, os meninos querem tudo pronto, compram a rede de plástico industrializada na cidade que vem com a malha fina, que arrasta e mata tudo que encontra pela frente. Essa pressa da juventude de hoje e a facilidade dos motores estão tirando o respeito que a gente sempre teve pela renovação da maré." (Relato mestre de rede "B", 2026).

A substituição da rede tecida à mão pela rede industrial de malha fina altera não apenas a ecologia local, mas desarticula os objetos como "documentos portadores de significados" (FUNARI, 2008). A rede manufaturada continha um tempo social, uma pedagogia de preservação e uma escolha consciente sobre o que extrair do mar. Ao adotar o artefato industrializado pela pressa do lucro rápido, a juventude introduz na Vila do Castelo a lógica predatória do mercado capitalista, colidindo com a secular sabedoria de que a faina não se resume a um aprisionamento do recurso, mas sim a uma colheita de imprevistos e possibilidades:

"Então, é interessante que o pescador, ele não pesca o peixe, ele pesca possibilidades. E isso faz deles grandes professores na arte de viver com a instabilidade. Tem uma frase que eu não lembro bem, mas é mais ou menos assim, que os pescadores, eles sabem o perigo do mar, eles sabem o quanto a tempestade é terrível, mesmo assim isso não impede eles de saírem com o mar. E o que é justamente ao contrário do que a gente tem que fazer, porque a gente busca certezas em tudo na vida, mas a vida não é essa certeza, a vida só oferece possibilidades. Enquanto a gente busca garantias pra se viver, o pescador, ele lida com o seu melhor no dia a dia. E independentemente de qualquer coisa, eles continuam lançando suas redes, porque eles

não tentam controlar a vida, eles dialogam com ela.

Mesmo enfrentando a queixa de que os mais novos estão se afastando dessas raízes, as gerações que permanecem na lida reafirmam sua identidade através do risco. Essa necessidade de manter um norte ético diante do desconhecido e do desaparecimento dos costumes antigos explica por que as narrativas míticas continuam a assombrar e proteger o estuário, funcionando como uma instância de advertência para a juventude cética e a imagem trazem essa essência de se algo mais antigo que traz essa religiosidade como a imagem a baixo esta liga um casa de alvenaria de cor azul com uma imagem de jesus cristo bem na frente e isso e comum na comunidade vemos quanto a comunidade e devota a religião católica:

Figura 20 casa de um morado local



Acervo pessoal do projeto 2026.

"Se a gente começa a contar uma história de visagem, do Curupira ou do saci, os mais novos dão risada, dizem que é conversa de velho careta. Eles não entendem que a lenda não é mentira de assustar criança, é o que impõe o limite para o homem não entrar no mangue com ganância. Sem o medo do mistério, essa geração nova entra quebrando tudo, desmatando e pescando além da conta. Quando sumir a última lenda, vai sumir também o respeito e o peixe do nosso Castelo." (Relato moradora "E" da comunidade, 2026).

"E talvez seja por isso que aqui tem tantas lendas, e isso é muito interessante, porque a lenda aqui não é pra resolver o mistério, é

simplesmente pra lembrar que existe um mistério. Então, talvez a maturidade na vida seja entender que a gente não tem que controlar a vida, simplesmente aprender a se relacionar com o mistério e com as incertezas." (Entrevistado, pescador "H", 2026).

À luz da abordagem de Roger Chartier (1991) sobre as representações sociais, compreende-se que os mitos e as lendas são produzidos pelos próprios grupos para organizar e dar sentido à sua realidade. Ao afirmar que a lenda serve para "lembrar que existe um mistério", o pescador e a rezadeira demonstram que o imaginário da Vila do Castelo atua como um freio ético e ecológico contra a pressa contemporânea. Como sugeria Burke (2005) ao estudar as mentalidades, essas narrativas orais defendem os valores profundos de uma coletividade frente aos impactos da modernização. Diante de jovens que preferem os fornos elétricos, guiam-se apenas por telas e ignoram o manejo da terra e das redes, a lenda e a sabedoria dos antigos permanecem como trincheiras de resistência cultural. Elas ensinam, em última análise, que a maturidade de um povo reside em não tentar submeter o tempo e a natureza ao controle absoluto, mas em aprender a navegar respeitosamente em suas incertezas.

4 SÍNTESE E PERSPECTIVAS: CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação propôs-se a descortinar as complexas tramas que interligam a cultura material, a memória coletiva e a identidade cultural na Comunidade da Vila do Castelo, localizada no município de Bragança, Pará. Ao tomar a Amazônia Bragantina como cenário e sujeito histórico, a pesquisa buscou compreender de que maneira uma comunidade tradicional ressignifica seus modos de vida, suas práticas produtivas e suas expressões simbólicas diante das transformações contemporâneas e do avanço da atividade pesqueira industrial.

A problemática que norteou este estudo interrogou como a memória e a cultura material operam na manutenção da coesão social e na afirmação identitária dos moradores do Castelo. A resposta a essa questão-problema não se esgota em uma fórmula simples, mas desvela-se na síntese dialética operada entre a teoria e a empiria: a memória e a cultura material não são meros registros passivos do passado, mas sim instrumentos dinâmicos de resistência e ancoragem cultural no presente. Os dados demonstraram que, mesmo diante da predominância da pesca industrial de pequeno e grande porte e da introdução de lógicas de mercado exógenas, a comunidade não se descaracteriza. Pelo contrário, ela engendra táticas cotidianas que convertem os novos artefatos técnicos em suportes de significados afetivos, identitários e comunitários.

A síntese dos resultados empíricos e teóricos evidenciou que a Vila do Castelo constitui um espaço vivo de salvaguarda e produção de saberes. No âmbito da frente espiritual e laboral, a fé e o imaginário mítico dos Encantados como o respeito atuam como agências reguladoras que humanizam o trabalho mecânico nos barcos de ferro e impõem limites éticos e ecológicos à ganância comercial. No campo extrativista, a coleta sazonal do caranguejo nos manguezais do Rio

Caeté e o manejo intergeracional do açaí nos quintais funcionam como eixos de soberania alimentar e espaços pedagógicos informais, onde os laços de parentesco e solidariedade vicinal são costurados à revelia do individualismo urbano. Por fim, as festividades religiosas revelaram-se como matrizes de representação social capazes de suspender temporariamente as assimetrias econômicas internas, unindo patrões e marinheiros no mesmo chão descalço da devoção e do pertencimento territorial.

A importância e relevância deste estudo residem na sua capacidade de conferir visibilidade historiográfica e fôlego científico às populações das águas e das florestas da Amazônia Oriental. Ao cruzar o referencial da Nova História Cultural com a metodologia da História Oral e da análise da cultura material, este TCC preenche uma lacuna nos estudos regionais, demonstrando que as comunidades ribeirinhas são produtoras legítimas de cultura, ciência ecológica e estratégias de sustentabilidade (em alinhamento com as metas do ODS 14). A pesquisa retira os sujeitos locais da condição de meros expectadores do desenvolvimento econômico, alçando-os ao papel de protagonistas de suas próprias narrativas históricas.

Como reflexões finais do pesquisador, depreende-se que o encerramento deste trabalho acadêmico não sinaliza o fim da pesquisa na Vila do Castelo, mas sim a abertura de novos horizontes analíticos, previstos para consolidar-se ao longo do ano de 2026 através de futuras publicações e comunicações científicas. Fazer pesquisa na Amazônia exige uma postura ética de escuta sensível e de respeito ético-metodológico com os colaboradores de campo. Conclui-se, portanto, que a Comunidade do Castelo resiste e se ressignifica através de uma vigorosa "arte de fazer" o cotidiano, provando que a tradição e a modernidade, as redes de náilon e as preces ancestrais, a lama do mangue e o orgulho de ser pescador se entrelaçam na manutenção de uma identidade coletiva inabalável e soberana às margens do Caeté.

5 Referências:

- BARROS, José D'Assunção. A Fonte histórica e seu lugar de produção. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- BARROS, José D'Assunção. **A fonte histórica e seu lugar de produção**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- BARROS, José D'Assunção. Existe uma Nova História Cultural? – Análise de um campo histórico – Revista Poder & Cultura. Ano I. Vol. 2. Outubro/2014. Disponível em: www.poderecultura.com. Acesso em: dez. 2024.
- BARROS, José D'Assunção. Existe uma Nova História Cultural? – Análise de um campo histórico. **Revista Poder & Cultura**, ano 1, v. 2, out. 2014. Disponível em: <http://www.poderecultura.com>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- BURKE, Peter. Cultura material através de imagens. In: BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: Unesp, 2017. p. 123-154.
- BURKE, Peter. Cultura material através de imagens. In: BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: Unesp, 2017. p. 123-154.
- BURKE, Peter. O que é história cultural? Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BURKE, Peter. **Testemunho ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Estudos avançados, São Paulo, v. 5, n. 11, p.173-191, jan./abr. 1991.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, jan./abr. 1991.
- DIEGUES, Antônio Carlos. **A pesca artesanal marítima no Brasil: aspectos socioculturais e econômicos**. São Paulo: NUPAUB-USP, 2004.
- FLEURI, R. M. Construção de uma perspectiva curricular intercultural e inclusiva In: XII

Congresso da ARIC (Association Internationale pour la Recherche Interculturelle), 2009, Florianópolis. Diálogos Interculturais: descolonizar o saber e o poder. Florianópolis: p.1 – 10, 2009.

FLEURI, Reinaldo Matias. Construção de uma perspectiva curricular intercultural e inclusiva. *In*: CONGRESSO DA ARIC, XII., 2009, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: ARIC, 2009. p. 1-10. Tema: Diálogos Interculturais: descolonizar o saber e o poder.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Cortez, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Cortez, 1997.

FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP; Imprensa Oficial do Estado, 2006.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Imprensa Oficial do Estado, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. Memória Histórica e Cultura Material. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 17-31, ago. 1993.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. Memória histórica e cultura material. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 17-31, ago. 1993.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. Os historiadores e a cultura material (in): PINSKY, Carla Bassanezi. (org). *Fontes Históricas*. 2.ed.- São Paulo. Editora Contexto, 2008.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. Os historiadores e a cultura material. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 81-110.

INSTAGRAM. Post de @paroquiasnsperpetuosocorro. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C_YlhUxJNee/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=NTc4MTIwNjQ2YQ==. Acesso em: 25 jun. 2026.

INSTAGRAM. Post de @romuloalvesvmk. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CBJAX0opzmd/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=NTc4MTIwNjQ2YQ==. Acesso em: 25 jun. 2026.

INSTAGRAM. Post de @vila_do_castelo_10. Disponível em: [<https://www.instagram.com/p/C_YlhUxJNee/>](https://www.instagram.com/p/C_YlhUxJNee/). Acesso em: 25 jun. 2026.

INSTAGRAM. Post de @vila_do_castelo_10. em: [<https://www.instagram.com/p/CBJAX0opzmd/>](https://www.instagram.com/p/CBJAX0opzmd/). Acesso em: 25 jun. 2026.

LUDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACIEL, R. A. NEVES, Joana D'arc de Vasconcelos; SILVA JUNIOR, S. R. Cultura material em contextos não escolares na Amazônia paraense. Coleção Cultura material nos múltiplos contextos sociais - Volume 1. 1. ed. Curitiba: EDITORA CRV, 2020. v. 100. 170 p.

MACIEL, Rogério Andrade; FIGUEIRÊDO, Arthane Menezes. Cultura Material da Puçá das Arrastadoras de Camarão e a Proposição do Currículo na EJA, Amazônia Bragantina. Revista Cocar. /S. I./, n. 32, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/9647>. Acesso em: 23 dez. 2024.

MACIEL, Rogério Andrade; FIGUEIRÊDO, Arthane Menezes. Cultura material da puçá das arrastadoras de camarão e a proposição do currículo na EJA, Amazônia Bragantina. **Revista Cocar**, Belém, n. 32, p. 1-18, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/9647>. Acesso em: 23 dez. 2024.

MACIEL, Rogério Andrade; NEVES, Joana D'arc de Vasconcelos; SILVA JUNIOR, S. R. **Cultura material em contextos não escolares na Amazônia paraense**. Coleção Cultura material nos múltiplos contextos sociais, Volume 1. Curitiba: Editora CRV, 2020.

MACIEL, Rogerio Andrade; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. FELGUEIRAS, Margarida Louro. Apresentação de Dossiê: Cultura Material, diversidade e sujeitos em múltiplos contextos sociais. Revista Cocar. Edição Especial N.32/2024 p. 1-8. Disponível no link: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/9836/4095>

MACIEL, Rogério Andrade; SILVA, Vera Lucia Gaspar da; FELGUEIRAS, Margarida Louro. Apresentação de Dossiê: Cultura material, diversidade e sujeitos em múltiplos contextos sociais. **Revista Cocar**, Belém, Edição Especial n. 32, p. 1-8, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/9836/4095>. Acesso em: 23 dez. 2024.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. História Oral: como fazer, como pensar. - 2. ed. 11ª reimpressão. -São Paulo: Contexto, 2023.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. 2. ed. 11. reimpr. São Paulo: Contexto, 2023.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. o Seminário Internacional sobre Arquivos Pessoais, Rio/São Paulo, CPDOC/FGV–IEB/USP, 1997. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/Documentos/memoria_cultura_material_ulpiano_meneses.pdf

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE ARQUIVOS PESSOAIS, 1997, Rio de Janeiro/São Paulo. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV; São Paulo: IEB/USP, 1997. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/Documentos/memoria_cultura_material_ul

[piano_meneses.pdf](#). Acesso em: 15 dez. 2024.

Organização das Nações Unidas (ONU). Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: ODS 14 — Vida na Água. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/14>. Acesso em: 11 jul. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: ODS 14 — Vida na Água**. Brasília: ONU Brasil, 2025. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/14>. Acesso em: 11 jul. 2025.

PERES, Eliane; SOUZA, Gizele de. Aspectos teórico-metodológicos da pesquisa sobre cultura material escolar (im)possibilidades de investigação. In: CASTRO, César Augusto (org.). *Cultura Material Escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC e RS, 1870-1925)*. 1ª Ed. São Luís: EDUFMA; Café & Lápis, 2011, v. 1, p. 43-68.

PERES, Eliane; SOUZA, Gizele de. Aspectos teórico-metodológicos da pesquisa sobre cultura material escolar: (im)possibilidades de investigação. In: CASTRO, César Augusto (org.). **Cultura material escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC e RS, 1870-1925)**. São Luís: EDUFMA; Café & Lápis, 2011. v. 1, p. 43-68.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Org.). *O Historiador e suas fontes*. -1. ed., 4ª impressão.- São Paulo: Contexto, 2015.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. 1. ed. 4. impr. São Paulo: Contexto, 2015.

SALES, Dione Vieira; MACIEL, Rogério Andrade. Cultura material da farinha na Amazônia paraense. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 7, n. 15, p. 235-248, 2020.

SALES; Dione Vieira; MACIEL, Rogerio Andrade. Cultura Material Da Farinha Na Amazônia Paraense. *Revista Humanidades e Inovação* v.7, n.15 - 2020

SILVA, Tomaz Tadeu da. Os estudos culturais e o currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 131-138.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Os estudos culturais e o currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 131-138.

SILVA, Vera Lucia Gaspar da; SOUZA, Gizele de; CASTRO, Cesar Augusto. Por uma apresentação: a materialidade escolar entre caminhos, pesquisas e Diálogos. In: SILVA, Vera Lucia Gaspar da; SOUZA, Gizele de; CASTRO, Cesar Augusto (Org.). *Cultura material escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades*. Vitória: EDUFES, p. 10-25. 2018.

SILVA, Vera Lucia Gaspar da; SOUZA, Gizele de; CASTRO, Cesar Augusto. Por uma apresentação: a materialidade escolar entre caminhos, pesquisas e diálogos. In: SILVA, Vera Lucia Gaspar da; SOUZA, Gizele de; CASTRO, Cesar Augusto (org.). **Cultura material escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades**. Vitória: EDUFES, 2018. p. 10-25.

SOUZA, Gizele de; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. Artefatos escolares e saberes em apresentação: estudos de cultura material: apresentação do dossiê - Cultura Material em História(s): artefatos escolares e saberes. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 35, n. 76, p. 11-24, jul./ago. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/yr44yGftMBByZQXGp4gnLqL/>. Acesso em: 18 dez. 2024.

SOUZA, Gizele de; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. Artefatos escolares e saberes em apresentação: estudos de cultura material. Apresentação do dossiê - Cultura Material em História(s): artefatos escolares e saberes. *Educ. rev.* 35 (76). Jul-Aug 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/yr44yGftMBByZQXGp4gnLqL/>

TORRES SANTOMÉ, Jurjo. Os conteúdos culturais, a diversidade cultural e a função das instituições escolares. In: TORRES SANTOMÉ, Jurjo (Org.). *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Tradução Cláudia Shilling. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998. p. 129-152.

TORRES SANTOMÉ, Jurjo. Os conteúdos culturais, a diversidade cultural e a função das instituições escolares. In: TORRES SANTOMÉ, Jurjo (org.). **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Tradução de Cláudia Shilling. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998. p. 129-152.

7. Anexos



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Projeto de Pesquisa: CULTURA MATERIAL DA PESCA E A PROPOSIÇÃO DO CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS PROFISSIONAL EM BRAGANÇA, ESTADO DO PARÁ, BRASIL

“O uso de imagens da pesca como evidência da cultura material: o testemunho ocular das(os) pescadoras(es) da Vila do Castelo, Amazônia Bragantina.”

Coordenador/Orientador: Prof. Dr. Rogério Andrade Maciel

Pesquisador: Wallace Benedito Silva Mendes

1 Natureza da Pesquisa: Analisar o uso de imagens da pesca como evidência da cultura material a partir do testemunho ocular das(os) pescadoras(es) da Vila do Castelo, na Amazônia Bragantina. ESPECÍFICOS

Comparar, por meio da análise de imagens, as práticas de pesca artesanal na Vila do Castelo antes e depois das mudanças climáticas, identificando os impactos sobre os territórios, os modos de vida e os saberes tradicionais das populações ribeirinhas e costeiras. Mapear os artefatos culturais da pesca enquanto elementos da cultura material e os saberes ativados, antes e depois das mudanças climáticas na Vila do Castelo; Construir um manual do uso de imagens da pesca e das práticas sustentáveis para o fortalecimento das comunidades pesqueiras tradicionais nas Amazônias.

2 Participante da Pesquisa: Participará dessa pesquisa, os pescadores da Vila do Castelo que atuam com as práticas de pesca artesanal, semi-industrial e /ou industrial, localizada no município de Bragança-PA. Esses sujeitos prestarão depoimento oral sobre seus conhecimentos relacionados as práticas pesqueiras com o uso dos artefatos da pesca em contexto local e global.

3 Envolvimento na pesquisa: Ao autorizar sua participação, neste estudo, você está permitindo que o depoimento oral concedido aos pesquisadores seja utilizado para colaborar com a pesquisa no âmbito da CULTURA MATERIAL DA PESCA E A PROPOSIÇÃO DO CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS PROFISSIONAL EM BRAGANÇA, ESTADO DO PARÁ, BRASIL

4 Sobre as imagens dos artefatos e depoimentos orais dos sujeitos da pesquisa: Ao autorizar o uso do seu depoimento oral (entrevistas) e das imagens dos artefatos usados nas práticas pesqueiras, você permitirá a utilização desses resultados pelos pesquisadores no ambiente acadêmico. As imagens serão registradas por meio de fotografias em câmeras fotográficas, *smartfone* e ou gravações de vídeos. O uso dos depoimentos e das imagens dos artefatos da pesca serão utilizadas para colaborar com a pesquisa para produção do Trabalho Científico de Conclusão de Curso (TCC); do projeto de pesquisa e criação de artigos

científicos acerca da cultura material da pesca enquanto proposição do currículo escolar na Amazônia Bragantina na vila do castelo

5 Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Será informado o nome do participante, na tabulação dos dados, a idade e o tempo de trabalho com a pesca, o gênero, assim como outros relatos orais, práticas culturais nos espaços pesqueiros com o uso dos seus respectivos artefatos, apresentados pelos entrevistados, de modo que ele/ela autorize tal identificação, caso contrário, utilizaremos pseudônimos, nomes fictícios, a fim de garantir a conduta ética de pesquisa. Estas informações serão veiculadas no meio científico.

6 Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto, compensações pessoais ou financeiras relacionadas à autorização concedida. Entretanto, esperamos que este estudo revele informações importantes a respeito das proposições curriculares na Amazônia Bragantina, a partir da Cultura Material da Pesca. Analisar o uso de imagens da pesca como evidência da cultura material a partir do testemunho ocular das(os) pescadoras(es) da Vila do Castelo, na Amazônia Bragantina. Comparar, por meio da análise de imagens, as práticas de pesca artesanal na Vila do Castelo antes e depois das mudanças climáticas, identificando os impactos sobre os territórios, os modos de vida e os saberes tradicionais das populações ribeirinhas e costeiras. Mapear os artefatos culturais da pesca enquanto elementos da cultura material e os saberes ativados, antes e depois das mudanças climáticas na Vila do Castelo; Construir um manual do uso de imagens da pesca e das práticas sustentáveis para o fortalecimento das comunidades pesqueiras tradicionais nas Amazônias.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse e autorizo minha participação nesta pesquisa.



Rogerio Andrade Maciel – Orientador

Pesquisador pela Universidade Federal do Pará

(91) 98174-2047

Wallace Benedito Silva Mendes – Voluntária
Pesquisador pela Universidade Federal do Pará (91)

98628-2123

Bragança/PA de de 2025

.....
Assinatura do participante pescador(a):